

# A História Oculta do Verso Quarenta — Número Dezesesseis

## *O Segundo Ai — Parte Três*

Jeff Pippenger

2026-06-18

### **A Lógica de Jones**

A lógica de Jones de que o primeiro anjo de Apocalipse catorze não pode ser separado dos dois anjos seguintes é absolutamente sólida. Sua identificação da conexão estrutural desses três anjos com os anjos das trombetas é absolutamente irrefutável. Sua ênfase recaía, sem dúvida, sobre os três anjos de Apocalipse catorze, mas a lógica para aplicá-los como “inseparáveis” é igualmente válida para todos os anjos que os precederam.

Porque ele estava concentrado nos três anjos de Apocalipse catorze, não levou sua própria lógica até sua conclusão última. Em última análise, a lógica que ele utilizou para ligar as trombetas do quinto, sexto e sétimo ais aos três anjos de Apocalipse catorze também implicava levar a linha das trombetas até o primeiro dos sete anjos das trombetas.

E vi os sete anjos que estavam diante de Deus; e foram-lhes dadas sete trombetas. ... E os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocá-las. Apocalipse 8:2, 6.

A série de anjos começa com os “sete” anjos das trombetas, e a linha de anjos no Apocalipse inicia-se com a primeira trombeta e prossegue até a advertência do terceiro anjo acerca da marca da besta. Jones está correto ao identificar uma distinção entre as primeiras quatro trombetas e as últimas três trombetas de ais, pois essa estrutura profética de “quatro e três” também se encontra nas igrejas e nos selos. Estabelecida sobre três testemunhas no livro do Apocalipse, ela permite aos que escolhem ver que o sete, como símbolo, também contém o quatro como símbolo e o três como símbolo.

### **Uma Conexão Divina**

O que temos identificado no passado recente é que o primeiro e o segundo anjos de Apocalipse catorze são fortalecidos por uma profecia de tempo do Islã, dos primeiros e segundos ais, e que o fortalecimento do terceiro anjo é realizado pelo cumprimento do terceiro ai em 11 de setembro. O que a aplicação de Jones identifica (ainda que ele não tenha apresentado o meu argumento) é que cada anjo, desde o primeiro anjo das trombetas de Apocalipse oito até a trombeta do terceiro ai de Apocalipse onze, está inseparavelmente ligado aos três anjos de Apocalipse catorze. São símbolos dentro da mesma linha profética. Devem ser reconhecidos como tais para se compreender os vários papéis que cada um dos anjos representa. Assim, tal como as sete igrejas, os sete selos e as sete trombetas representam o sete, e também o símbolo do quatro e do três dentro do simbolismo geral do sete (igrejas, selos e trombetas), a linha de anjos desde o primeiro dos sete anjos das trombetas até o terceiro anjo deve ser considerada como um todo. Isto identifica uma linha de onze anjos.

Os três anjos de Apocalipse quatorze representam a mensagem de advertência dos miléritos, que anunciou a abertura do juízo, e, posteriormente, a mensagem de advertência dos cento e quarenta e quatro mil, que anuncia o encerramento do juízo.

As sete trombetas representam poderes que Deus empregou providencialmente para trazer juízo sobre nações que impuseram a adoração do sol.

As primeiras quatro trombetas identificam a progressiva ruína de Roma Ocidental até o ano 427.

O quinto e o sexto identificam a queda de Roma Oriental de 1449 até 1453.

As últimas três trombetas representam o islamismo dos três ais.

O anjo de Apocalipse dez é Cristo, que desce para capacitar o movimento no início, e desce novamente em Apocalipse dezoito, para capacitar o movimento no fim.

A sétima trombeta começou a soar em 22 de outubro de 1844, na abertura do juízo, que é o Dia da Expição antitípico. A trombeta do Jubileu devia soar no Dia da Expição. Portanto, duas trombetas soam no juízo: a trombeta do Jubileu e a sétima trombeta.

Então farás soar a trombeta do jubileu ao décimo dia do sétimo mês; no dia da expiação fareis soar a trombeta por toda a vossa terra. E santificareis o quinquagésimo ano, e proclamareis liberdade por toda a terra a todos os seus habitantes; jubileu vos será, e tornareis cada um à sua possessão, e tornareis cada um à sua família. Jubileu vos será esse quinquagésimo ano; não semeareis, nem ceifareis o que nele nascer de si mesmo, nem nele colhereis as uvas da tua vinha não podada. Levítico 25:9–11.

O contexto que identifica a dispersão de Israel por “sete tempos”, situado no capítulo imediatamente seguinte de Levítico, é exposto nos versículos que conduzem à instrução de fazer soar a trombeta do jubileu no Dia da Expição.

Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando entrardes na terra que eu vos dou, então a terra guardará um sábado ao Senhor. Seis anos semearás o teu campo, e seis anos podarás a tua vinha, e colherás o seu fruto; porém no sétimo ano haverá um sábado de descanso para a terra, um sábado ao Senhor; não semearás o teu campo, nem podarás a tua vinha. O que nascer de si mesmo da tua sega não colherás, nem ajuntarás as uvas da tua vinha não podada; porque é um ano de descanso para a terra. E o sábado da terra vos servirá de mantimento; a ti, e ao teu servo, e à tua serva, e ao teu jornaleiro, e ao estrangeiro que peregrina contigo, e ao teu gado, e aos animais que estão na tua terra; toda a sua novidade lhes servirá de mantimento. Também contarás sete sábados de anos, sete vezes sete anos; e os dias dos sete sábados de anos te serão quarenta e nove anos. Levítico 25:2–8.

Quando Miller reconheceu o juízo contra Israel por violar o repouso sabático da terra no capítulo vinte e seis, aplicou o princípio de que um dia representa um ano e descobriu que um ano tem trezentos e sessenta dias, e que sete vezes trezentos e sessenta eram dois mil quinhentos e vinte anos de castigo por quebrantar a aliança. Foi a primeira verdade profética que ele descobriu. É o fundamento das verdades que constituíram o fundamento que Cristo lançou por meio da obra de

Miller. A trombeta do Jubileu é um anúncio de livramento e liberdade.

A sétima trombeta é o islamismo do terceiro ai.

Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele começar a tocar, o mistério de Deus se cumprirá, como ele declarou aos seus servos, os profetas. Apocalipse 10:7.

A sétima trombeta do Islã é uma verdade profética externa, e a trombeta do Jubileu é a verdade profética interna da justificação pela fé — libertação do pecado, a qual, segundo a Irmã White, é o terceiro anjo em verdade. No período em que a sétima trombeta está soando, o mistério de Cristo em vós, esperança da glória, será aperfeiçoado, à medida que Cristo combina Sua Divindade com a humanidade dos cento e quarenta e quatro mil. Aqueles que então receberem o selo de Deus proclamarão uma mensagem de advertência de trombeta, representada como o terceiro ai e também como a advertência do terceiro anjo. O terceiro ai reveste de poder a mensagem do terceiro anjo quando o anjo, que não é menos uma personagem do que Jesus Cristo, desce com uma mensagem em Sua mão.

Quando identificamos que foi uma profecia de tempo do primeiro e do segundo ai que deu poder à mensagem do primeiro anjo, e uma profecia do terceiro ai que dá poder à mensagem do terceiro anjo, estamos identificando as trombetas como “juízos que foram trazidos sobre Roma em resposta à imposição do domingo”. Esses juízos providenciais, particularmente as últimas três trombetas de ais, se alinham e se tornam paralelos à mensagem de advertência dos três anjos de Apocalipse catorze. Dois ais e dois anjos na história milerita, e o terceiro ai e o terceiro anjo na história dos cento e quarenta e quatro mil. Na história inicial do primeiro e do segundo anjos, a mensagem da abertura do juízo recebeu poder mediante um cumprimento do islamismo do primeiro e do segundo ais. Na história final do terceiro anjo, a mensagem que anuncia o encerramento do juízo recebeu poder mediante um cumprimento do islamismo do terceiro ai.

O revestimento de poder no princípio e no fim foi representado pelo anjo de Apocalipse dez e dezoito, “que não era menos do que a pessoa de Jesus Cristo”. A mensagem externa do islamismo e a mensagem interna do juízo são o trombeta externa do terceiro ai, e a mensagem interna do juízo é a trombeta do terceiro anjo. A trombeta externa do islamismo é a profecia de dois mil quinhentos e vinte anos, e a trombeta interna do terceiro anjo é a de dois mil e trezentos anos. Ambas chegaram e soaram na abertura do juízo dos mortos, e ambas chegaram novamente na abertura do juízo dos vivos.

O anjo de Apocalipse dez desceu em 11 de agosto de 1840 em cumprimento da profecia do islamismo e, ao assim fazê-lo, o anjo tipificou a descida do anjo de Apocalipse dezoito com um cumprimento de uma profecia do islamismo. O juízo de Deus sobre a rebelião da lei dominical em 321, e depois novamente em 538, é representado pelas primeiras seis trombetas, e o Seu juízo pela rebelião da lei dominical prestes a vir é representado pela sétima trombeta, que é o terceiro ai e também o terceiro anjo. A mensagem de advertência do início do juízo em 22 de outubro de 1844 e a mensagem de advertência do juízo dos vivos em 11 de setembro foram ambas fortalecidas pelo sétimo anjo na sequência que Jones apresentou. Seis anjos das trombetas nos capítulos oito e nove; então, no capítulo dez, desce o anjo que não é ninguém menos que Jesus Cristo. Ele é o sétimo na

seqüência dos anjos, a quem se segue, no capítulo onze, o terceiro ai, que é a sétima trombeta que começou a soar em 1844, mas é o oitavo na série de anjos que conduzem ao nono, décimo e décimo primeiro anjos em Apocalipse quatorze.

A mensagem do terceiro anjo não pode ser isolada das mensagens do primeiro e do segundo anjos, mas tampouco pode ser separada das sete trombetas do juízo de Deus sobre a apostasia. As primeiras quatro trombetas de juízo, no capítulo oito de Apocalipse, identificam a progressiva ruína da Roma Ocidental após a primeira lei dominical de Constantino, em 321, e tiveram início com a divisão do império em Oriente e Ocidente, por ele efetuada em 330.

“Quando a nossa nação, em seus conselhos legislativos, promulgar leis para constringer a consciência dos homens no tocante aos seus privilégios religiosos, impondo a observância do domingo e exercendo poder opressivo contra os que guardam o sábado do sétimo dia, a lei de Deus será, para todos os efeitos e propósitos, anulada em nossa terra; e à apostasia nacional seguir-se-á a ruína nacional.” *Review and Herald*, 18 de dezembro de 1888.

O princípio da apostasia nacional que traz ruína nacional foi aplicado à nação de Constantino, começando com as primeiras quatro trombetas, que levaram Roma Ocidental ao seu fim em 476. Roma Oriental chegou ao seu fim em 1453, embora, profeticamente, tenha perdido sua soberania nacional em 27 de julho de 1449. Ao contrário da Babilônia, que foi derrubada em uma só noite, Roma, tanto a ocidental quanto a oriental, foi levada ao seu fim progressivamente. O desaparecimento de Roma Ocidental sob as primeiras quatro trombetas até 476 representa o desaparecimento dos Estados Unidos sob quatro trombetas, o que, em um nível, representa as quatro gerações dos Estados Unidos que começaram em 1798 e terminam na lei dominical. Essas quatro gerações são paralelas às quatro gerações do adventismo, as quais são paralelas às primeiras quatro igrejas de Apocalipse 2, e às quatro abominações crescentes de Ezequiel capítulo 8, e às quatro ondas de gafanhotos no livro de Joel.

Porque assim diz o Senhor Deus: Quanto mais, quando Eu enviar os meus quatro graves juízos sobre Jerusalém — a espada, e a fome, e a besta nociva, e a peste — para extirpar dela homens e animais? Ezequiel 14:21.

A quinta e a sexta trombetas derrubaram Roma Oriental, e Roma Oriental, em sua relação profética com Roma Ocidental, representa o Estado. Roma Ocidental representa a igreja. Roma Ocidental também representa os Estados Unidos, que são conquistados primeiro, como o foi Roma Ocidental.

“Quando a América, a terra da liberdade religiosa, se unir ao Papado para forçar a consciência e compelir os homens a honrar o falso sábado, o povo de todos os países do globo será levado a seguir o seu exemplo.” *Testimonies*, volume 6, 18.

As primeiras quatro trombetas representam as quatro gerações da história americana, e, quando os Estados Unidos caem, a terra gloriosa do versículo quarenta e um de Daniel onze acaba de cair, e o próximo obstáculo é o Egito, símbolo do restante das nações do mundo. As Nações Unidas, que são os dez reis, então concordam em dar o seu sétimo reino ao papado, por “um breve espaço — uma hora”, em Apocalipse dezessete. Isso ocorre na festa de aniversário de Herodes, quando ele promete metade do seu reino. Na festa de aniversário de Herodes, naquela hora aparece a escrita

sobre o reboco das paredes, e Belsazar é morto. Essa hora chega na lei dominical e continua até o encerramento da graça humana. O sétimo reino é conquistado, como tipificado pela destruição dos muros de Constantinopla, que vieram abaixo em 1453. Desde a lei dominical nos Estados Unidos, como tipificada por 1449, até a queda de Constantinopla em 1453, são quatro anos simbólicos. O papado recebeu sua ferida mortal em 1798.

Em Daniel 11:40, o papado caiu em 1798, no tempo do fim. Então o rei do sul caiu em 1989, no tempo do fim. Os Estados Unidos caem no versículo 41, e o Egito cai no versículo 42, e o papado chega à sua segunda e final queda no versículo 45.

“Da ascensão e queda das nações, conforme claramente revelado nos livros de Daniel e Apocalipse, precisamos aprender quão sem valor é a mera glória exterior e mundana. Babilônia, com todo o seu poder e magnificência, iguais aos quais o nosso mundo jamais tornou a contemplar desde então,—poder e magnificência que ao povo daquela época pareciam tão estáveis e duradouros,—quão completamente passou ela! Como ‘a flor da erva’, pereceu. Tiago 1:10. Assim pereceu o reino medo-persa, e os reinos da Grécia e de Roma. E assim perece tudo quanto não tem a Deus por fundamento. Somente aquilo que está ligado ao Seu propósito e expressa o Seu caráter pode durar. Seus princípios são as únicas coisas firmes que o nosso mundo conhece.” Profetas e Reis, 548.

A queda dos Estados Unidos (o falso profeta) no versículo quarenta e um foi tipificada por 1449, e a queda do Egito (o dragão) no versículo quarenta e dois foi tipificada por 1453, e o papado (a besta) chega ao seu fim, sem que haja quem o ajude, como foi tipificado por 1798. O falso profeta e o dragão são abatidos por poderes de trombeta, e a besta é abatida por um poder do dragão.

O número quatro é um símbolo da dissolução de um reino. O reino de Alexandre desintegrou-se em quatro reinos, e o Egito pereceu no Mar Vermelho na quarta geração, e Israel está curvando-se ao sol na quarta abominação de Ezequiel oito. As quatro gerações de um Protestantismo e dos Republicanos na besta da terra começaram em 1798 e terminam na lei dominical em breve para ambos os chifres. Os quatro severos juízos de Ezequiel sobre Jerusalém ilustram quatro juízos sobre os Estados Unidos, e esses quatro juízos sobre o sexto reino da profecia bíblica tipificam os quatro anos de 1449 até 1453, quando o sétimo reino da profecia bíblica concorda em dar metade do seu reino ao papado, numa relação entre igreja e estado sobre a qual reina a prostituta de Tiro.

Os quatro anos de 1449 a 1453 representam a ruína do sétimo reino na lei dominical, e também representam o período da ruína do oitavo reino desde a lei dominical até ao encerramento da porta da graça. A conquista do Egito, que é o mundo e também o dragão que é entregue ao papado, é um fractal no início do período simbolizado pelos quatro anos de 1449 a 1453. Isto identifica a queda de Constantinopla na lei dominical, e então novamente quando Miguel Se levanta. Quando Miguel Se levanta, os quatro anjos são plenamente soltos, segundo a Inspiração.

“Vi que os quatro anjos reteriam os quatro ventos até que a obra de Jesus estivesse concluída no santuário, e então viriam as sete últimas pragas.” Primeiros Escritos, 36.

Quatro divisões do reino de Alexandre, quatro trombetas sobre Roma Ocidental, quatro ventos soltos sobre Roma Oriental, quatro graves juízos sobre Jerusalém, quatro ventos soltos quando o

papado chegar ao seu fim sem que haja quem o ajude. Tendo sido expostos estes símbolos proféticos, consideraremos o segundo aí no contexto de sua aplicação à iminente lei dominical.

## **O Concílio de Florença**

Em 1439, no Concílio de Florença (também chamado União de Florença), representantes da Igreja Ortodoxa Oriental (liderados pelo imperador bizantino João VIII Paleólogo e pelo Patriarca de Constantinopla) assinaram um decreto formal de união com a Igreja Católica Romana. Concordaram em reconhecer o Papa de Roma como a cabeça (autoridade suprema) de toda a Igreja.

Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja; sendo ele próprio o salvador do corpo. Efésios 5:23.

## **O Credo Niceno**

O Imperador e o Patriarca aceitaram a “cláusula Filioque” no Credo Niceno, a qual constituía um acréscimo ao Credo Niceno, afirmando que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. O Credo Niceno é uma das declarações mais importantes e amplamente utilizadas na história da fé católica. O Credo Niceno é um resumo formal das crenças católicas fundamentais. Foi originalmente redigido para defender a verdade acerca de quem é Jesus Cristo. Em 325, surgiu uma grande controvérsia porque um sacerdote chamado Ário ensinava que Jesus fora criado por Deus Pai e não era plenamente Deus.

O imperador Constantino convocou o Primeiro Concílio de Niceia para resolver a questão. O concílio afirmou vigorosamente que Jesus é plenamente Deus, “da mesma substância” que o Pai. O Credo foi posteriormente ampliado no Concílio de Constantinopla, em 381. Cumpre notar, neste ponto, que o Credo Niceno foi estabelecido na história do primeiro Constantino, e viria a ser uma questão para o último Constantino, que foi Constantino XI, o último imperador do Império Bizantino do Oriente. Constantino, o Grande, que foi o primeiro, é repetidamente apresentado como um tema na profecia bíblica. Ele é o governante no início do império do Oriente e, portanto, tipifica o governante no fim do império do Oriente. O fato de que o Credo Niceno é um elemento tanto das histórias do início quanto do fim deve ser observado por um estudante da profecia, se ele compreender o princípio do alfa e do ômega.

Em 381, o Credo Niceno foi atualizado com a doutrina do Purgatório, a doutrina da Eucaristia, com a aceitação do uso de pão ázimo para a Eucaristia, que era uma prática latina. O Credo de 381 também aceitou a compreensão católica do pecado original e da vida após a morte. Terminava com esta frase-chave: “Definimos também que a santa sé apostólica e o Pontífice Romano detêm o primado sobre todo o mundo e são o verdadeiro vigário de Cristo.”

No Concílio de Florença, outra versão atualizada foi assinada em 6 de julho de 1439, 14 anos antes de Constantinopla cair diante dos turcos otomanos em 1453. A união foi assinada sob intensa pressão política. O Império Bizantino estava desesperado por auxílio militar do Ocidente contra o avanço dos otomanos. Quando os delegados gregos retornaram à sua pátria, o acordo foi

fortemente rejeitado pela maioria do clero, dos monges e do povo comum no Oriente. A maioria dos bispos que o assinaram retirou posteriormente seu apoio. A união jamais foi plenamente implementada e foi formalmente repudiada pela Igreja Ortodoxa Oriental nos anos seguintes. Quando Constantinopla caiu em 1453, a união já havia, na prática, entrado em colapso. Ela é frequentemente descrita pelos historiadores como uma união política que fracassou em razão de profunda resistência teológica, cultural e popular.

No Primeiro Concílio de Niceia, em 325, foi adotado o Credo Niceno. Este se assinala cinco anos antes do ano 330, quando se concluíram os 360 anos de Daniel onze, versículo vinte e quatro, representados como um “tempo”.

Entrará pacificamente até mesmo nos lugares mais férteis da província; e fará o que nunca fizeram seus pais, nem os pais de seus pais; distribuirá entre eles a presa, e os despojos, e as riquezas; sim, maquirará os seus desígnios contra as fortalezas, até certo tempo. Daniel 11:24.

O ano 31 a.C. e 330 assinalam ambos o “tempo determinado” dos versículos vinte e sete e vinte e nove de Daniel onze.

E o coração destes dois reis será para fazer o mal, e à mesma mesa falarão mentiras; mas isso não prosperará, porque o fim ainda será para o tempo determinado. ... No tempo determinado tornará a vir para o sul; mas não será como na primeira vez, nem como na última. Daniel 11:27, 29.

O início (330) e o fim (1449–1453) da linha profética de Roma oriental são representados pelo primeiro e pelo último imperador Constantino. O alfa e o ômega da linha profética de Roma oriental, chamada Império Bizantino, estão ligados ao término dos trezentos e sessenta anos em que a Roma Imperial governou soberanamente desde a batalha de Ácio, em 31 a.C., até o ano 330, e depois adiante até 1453. Antes da batalha de Ácio, em 31 a.C., Marco Antônio e Augusto César falaram mentiras a uma mesma mesa, as quais não prosperaram. Antes do ano 330, em 325, o Credo Niceno foi adotado. Antes do ano 1453, foi adotada a versão atualizada desse mesmo Credo Niceno. Antes de 31 a.C., duas figuras políticas disseram mentiras a uma mesma mesa. Em 325, as mentiras espirituais foram ditas a uma mesma mesa. Essas duas testemunhas identificam as mentiras políticas e espirituais que foram adotadas em 1439 no Concílio de Florença. Esse Credo Niceno atualizado foi chamado Decreto de União.

O primeiro marco de mentiras à uma mesa ocorreu antes de 31 a.C. e deu-se entre duas facções políticas da Roma pagã. O tempo determinado para essas mentiras foi 31 a.C., e consistiu em Augusto, símbolo de Roma, contra uma confederação de um homem e uma mulher representando o Egito. O segundo conjunto de mentiras foi em 325, e o tempo determinado foi 330. O terceiro conjunto de mentiras foi em 1439, e o tempo determinado foi 1449–1453. Os que estavam à mesa em 1439 representavam a Roma ocidental e a Roma oriental, sendo que a Roma oriental buscava um objetivo político ao concordar com um argumento religioso. 31 a.C., seguido de 330 e depois 1453, representam uma tríplice aplicação da linha de Roma.

A ameaça política da aliança de Marco Antônio e Cleópatra tipificou a ameaça espiritual da heresia do arianismo em 325, a qual, por sua vez, tipificou a ameaça política e religiosa dos turcos islâmicos em 1439.

As doutrinas do Credo Niceno são mentiras, e nelas não há verdade alguma. O documento assinado em 6 de julho de 1439, no Concílio de Florença, foi chamado o Decreto de União e representava as mesmas mentiras e mais ainda. Quando os delegados retornaram a Constantinopla em 1439, foram recebidos com ira e acusações de traição. Corria então o dito: “Antes o turbante turco do que a mitra do Papa.”

A união foi assinada principalmente porque o Imperador Bizantino necessitava desesperadamente de auxílio militar ocidental contra os otomanos. Uma vez que se tornou claro que muito pouco auxílio militar — ou nenhum — viria, o apoio à união se dissipou. Em 1450–1451, vários sínodos orientais rejeitaram a união e, depois que Constantinopla caiu em 1453, a união foi completamente abandonada. O desfecho final do Decreto de União de Florença é considerado pela Igreja Ortodoxa Oriental como o de um concílio fracassado e rejeitado. Não é reconhecido como válido. A Igreja Católica Romana, contudo, ainda o considera um concílio ecumênico válido.

Estamos estabelecendo a lógica para compreender como as características proféticas do segundo ai se repetem na história do terceiro ai. A profecia de cento e cinquenta anos do primeiro ai começou em 27 de julho de 1299 e terminou em 27 de julho de 1449.

## **1449**

Constantino XI Paleólogo nasceu em 1404 e reinou de janeiro de 1449 até 29 de maio de 1453. Foi o último imperador do Império Romano do Oriente (Bizantino), que havia durado mais de 1.100 anos. Liderou corajosamente a defesa de Constantinopla durante o cerco otomano em 1453, com apenas cerca de 7.000 a 8.000 defensores contra o exército de mais de 80.000 homens de Mehmed II. Morreu combatendo nas muralhas da cidade em 29 de maio de 1453, quando Constantinopla finalmente caiu. Seu corpo jamais foi identificado de modo conclusivo. Sua morte assinalou o fim do Império Romano (a última continuação direta do império fundado por Augusto em 27 a.C.).

Ele é lembrado na história grega e na tradição ortodoxa como uma figura heroica — frequentemente chamado, na lenda, de “o Imperador de Mármore” (a crença de que um dia retornará para salvar Constantinopla).

João VIII Paleólogo (1392–1448) foi o penúltimo Imperador Bizantino, tendo reinado de 1425 a 1448. Era o filho mais velho do imperador Manuel II Paleólogo e o irmão mais velho de Constantino XI. João VIII passou a maior parte de seu reinado tentando desesperadamente salvar o agonizante Império Bizantino dos otomanos. Em 1439, viajou pessoalmente à Itália e presidiu ao Concílio de Florença, onde ele e a delegação ortodoxa oriental concordaram temporariamente em reunificar-se com a Igreja Católica Romana e em aceitar o Papa como chefe da Igreja. Constantino, o Grande, também havia presidido ao Concílio de Niceia. João VIII esperava que essa união com o papado trouxesse ajuda militar do Ocidente contra os turcos, mas a união era profundamente impopular em Constantinopla e, por fim, fracassou. João VIII morreu em 1448 (de causas

naturais), apenas cinco anos antes de Constantinopla cair em 1453. Seu irmão Constantino XI então se tornou imperador e morreu defendendo a cidade.

Quando João VIII morreu em 1448, seu irmão Constantino XI foi escolhido como sucessor. Em 1448, o Império Bizantino era um diminuto Estado vassalo, e os otomanos exerciam influência significativa sobre quem se assentava no trono em Constantinopla. Em 27 de julho de 1449, ocorreu um acontecimento político de grande significado nos anos finais do Império Bizantino. O imperador bizantino João VIII Paleólogo havia morrido anteriormente, em 1448. Seu irmão, Constantino XI Paleólogo (o último imperador), foi proclamado imperador em Constantinopla. Contudo, antes que Constantino XI ascendesse oficialmente ao trono, enviou embaixadores ao sultão otomano (Murad II) e solicitou permissão para reinar. O sultão concedeu essa permissão, e somente então Constantino XI foi formalmente coroado e reconhecido como imperador. Esse ato foi visto como a rendição voluntária da independência bizantina. Pela primeira vez, um imperador bizantino reconhecia abertamente que governava apenas com a permissão dos turcos otomanos. Apenas quatro anos depois, em 1453, Constantinopla caiu nas mãos dos otomanos.

Trezentos e noventa e um anos e quinze dias depois de 27 de julho de 1449, em 11 de agosto de 1840, os turcos buscaram proteção do Egito submetendo-se às quatro grandes potências europeias, cumprindo assim a profecia de uma hora, dia, mês e ano. Estabelecemos agora a lógica necessária para aplicar o primeiro e o segundo ais à lei dominical que em breve virá. Pedro, como símbolo dos cento e quarenta e quatro mil, representa o movimento do terceiro anjo, e William Miller representa o movimento do primeiro e do segundo anjos. Ambos os movimentos estão associados a “chaves.”

E porei sobre o seu ombro a chave da casa de Davi; e ele abrirá, e ninguém fechará; e fechará, e ninguém abrirá. Isaías 22:22.

E eu também te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus; e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus. Mateus 16:18, 19.

Abordaremos a batalha de Nínive no próximo artigo como a “chave” que não somente abre o poço do abismo, mas como a chave profética que alinha em perfeita ordem todo o testemunho de Daniel onze. No sonho de Miller, a “chave” presa ao cofre era o método de estudo bíblico de Miller. A comprovação textual da história milerita, combinada com “linha sobre linha” na história do terceiro anjo, é a chave que permite à chave de Apocalipse nove destrancar e alinhar em ordem a história oculta da mensagem externa do verso quarenta.

Continuaremos nossas considerações no próximo artigo.

“Ao profeta, a roda dentro de uma roda, e as aparências de seres viventes ligadas a elas, tudo parecia intrincado e inexplicável. Mas a mão da Sabedoria Infinita é vista entre as rodas, e a ordem perfeita é o resultado de Sua obra. Cada roda opera em perfeita harmonia com todas as outras.” Testemunhos para Ministros, 214.